

# Euclides da Cunha e os menores versos da Língua

FELIX AIRES (Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Fôrça é dizer, senhores, nesta li-  
geira palestra, que os contrastes  
surgem, constantes, à flor da lite-  
ratura e da história. Não conhe-  
mos nós próprios o mais sugestivo,  
o melhor do Brasil. Outros o fazem  
e afirmam, e dentre eles, intelectu-  
almente, pintores, zoólogos, natu-  
ralistas, botânicos, estrangeiros... O  
sulista falando do Norte; e nortis-  
tas, do Sul. Estranhos dizendo des-  
ta pátria com frequência, quando  
admiram a fauna e a flora, o solo  
e o clima, o ambiente e a vida. O  
povo da Europa e das Américas,  
quando estuda o mundo. E conhe-  
cem mais a nós do que nós a eles.  
E sabem do que é nosso, que nós  
do que é deles; porque nosso mun-  
do é realmente, mais atrativo,  
mais interessante, mais rico. Dentre  
nós próprios, quem melhor  
compreende e descreve a Amazônia  
é de além mar, do berço de Eça  
de Queiroz — Ferreira de Castro,  
em "Seiva". Quem melhor analisa  
o sertanejo nordestino não veio à  
luz naquelas terras adustas e ári-  
das — é um fluminense — Euclides  
da Cunha, em "Sertões". Euclides,  
escritor, é, também, poeta, nos  
seus ritmos descritivos e soltos,  
em que o leitor não dá por falta  
das rimas, porque está enlevado  
pela textura e a riqueza dos  
quadros, a vivacidade dos temas, o  
inédito dos assuntos. É pintor e  
músico ao mesmo tempo, cientista  
e sociólogo a mesma flama. Descob-  
rir o manancial das facetas, a va-  
riedade dos reflexos, o aprumo dos  
objetivos, a supremacia das tintas,  
a aglutinação dos prismas, seria  
impossível, porque a vontade é so-

berana e a inteligência infinita. Por  
incrível que pareça, como Euclides,  
Ruy Barbosa também foi poeta e o  
demonstram os dois até na insigni-  
ficância dos versos monossilábicos.  
Se não, vejamos. Depois de achar-  
mos em Ruy este quadro:

SEM  
REI  
NEM  
LEI...

tivemos o ensejo de ler numa pá-  
gina de prosa de Euclides, facil-  
mente encontrável, estes monossi-  
lábicos:

SEM  
IR  
NEM  
VIR!

e foi isto que nos levou a rebus-  
car o que possível sobre o assunto.  
Não escrevendo tese, mas, reunin-  
do coletânea; não esgotando o as-  
sunto, porém, falando da exquiti-  
de do metro e a raridade do genero  
que encontra apoio até mesmo nos  
maiores vultos das letras patrias.

Medeiros e Albuquerque dissera  
"não ser possível na nossa língua  
ou em outra qualquer, escrever-se  
um soneto menor, com todos os  
requisitos da espécie, contendo, a-  
penas 36 letras do alfabeto..." Re-  
almente, talvez pareça fútil ou  
mesmo irônico que procure alguém  
tentar, na época do dinamismo, a  
feitura de, quem sabe o verso mais  
difícil, como o de uma sílaba. Mas,  
pelo inédito, o imprevisível ou o  
inesperado, não deixam esses exi-  
guos feixes de palavras de contri-  
buir, com o seu pequenino quinhão  
às letras, na diminuta aresta do  
capricho.

Asminúsculas flores do campo  
que os botânicos esquecem vez por  
outra de citar, devido ao interês-  
se que despertam as rosas, as dá-  
lias, os lírios, as hortências, até ao  
cúmulo das vitórias-régias, lindas a-  
pesar de modestas, agradam aos  
olhos e, sem dúvida, encantam ao  
coração... Sem poder ombrear-se  
às lâmpadas ricas e às estrêlas ful-  
gurantes, os vagalumes exibem sua  
poesia, que a tantos emociona! Das  
chaminés das máquinas a gaz po-  
bre rebentam miríades de chispas  
fugaces, lembrando enxames de a-  
belhas de luz caindo no abismo da  
treva... e nem porisso deixam de  
construir o seu momento de lume.  
As rimas em pingos vão, afeítamen-  
te, como se disputassem lugar ao  
sol, com o seu breve realce de es-  
fôrço em prol do espírito vivendo,  
também, um instante de arte, si  
assim podem ser vistas e assim  
consideradas. Pensamentos frag-  
mentados dentre os crivos de sin-  
tese, chispas levantadas das foguei-  
ras de São João da vida... Futu-  
lidades? mas, de qualquer forma  
exigem tempo, e paciência e gosto  
— as três virtudes de quem traba-  
lha as letras, as artes. São gozas de  
tinta no papel, como os instantes  
de tempo no relógio.

A medida dos versos que a Poé-  
tica nos ensina, vai de uma a doze  
versos bábaros, e até a mais de 12, versos  
bábaros, conforme os mestres,  
pode chegar o capricho, u'trapas-  
sando os marcos da convenção. De  
doze versos em diante já não é  
exigida a severidade das tónicas e  
dos hemistíquios. Fazem-se livre-  
mente os poemas soltos, ou como  
querem outros, os versos brancos.  
Isto na escola antiga. Hoje, o mo-  
dernismo transforma tudo e cria  
medidas estontantes, estradas lar-  
gas, planos altos, ilimitados, espon-  
tâneos, independentes!

Achamos que quanto mais se re-  
sume o número de sílabas, mais se  
dificulta a expressão, e se põe freio  
aos vãos inspirados, às escaladas  
do génio. Minguando-se a órbita,  
confrange-se o trabalho. Os ventos  
que penetram pelas frinchas lan-  
çam gritos finos de protestos, pe-  
dindo caminhos amplos.

Oiavo Bilac e Guimarães Passos,  
no "Tratado de Versificação", in-  
cluem, na parte dedicada aos meno-  
res versos, estes agudos:

QUEM  
NAO  
TEM  
CAO...

e estes graves:

AMO  
GEMO  
CLAMO  
TREMOM.

Bilac, mais tarde, aumenta o es-  
toque de raridade:

O beija-flor que nos jardins ade-  
lja,  
de flor em flor, como um aman-  
te infiel,  
nesse louco viajar, que é que dese-  
lja

Mel.

O exemplo de Osório Duque Es-  
trada, em "Arte de fazer versos" é:  
— Põe no meu peito essa linda  
mão.

E agora? tens medo ainda?

— Não.

João de Deus mostra o seu mimo  
e o seu chiste em

Três são as graças:

Um beijo na face,

dá?

Que custa um beijo?

Não tenha pejo.

Vá.

Quantas pessoas tem a Trindade?

Três

Três é a conta

certinha e justa...

Vês?

Eduardo Carlos Pereira, na Gra-  
matica Expositiva, curso superior,  
ensina:

De homem  
só  
tendes  
dó.

Alberto de Oliveira transcreve do  
francês, apresentando **Os melhores  
sonetos brasileiros**, o seguinte "so-  
netinho", anão, ou verso de uma sí-  
laba, na sua frase:

Fort  
belle,  
elle  
dorte!

Sort  
frêle-  
Quelle  
mort!

Rose  
close  
la

brise  
l'a  
prise.

Um capricho de Lemetre.

Acrisio Camargo, de Araciguama,  
publica:

Tão  
má  
quão  
cá,

não  
há  
mão  
la

que  
de  
dor!...

Oh!  
Só  
flor!...

Vejamos este sonetinho de Ber-  
nardo Taveira Junior:

Deus  
vê  
que  
meus

âis  
não  
são  
mais

de  
dor  
por

ti,  
oh!  
flor!

Outro exemplo de J. Alberto, no  
Ceará:

Bem,  
paz,  
quem  
trás?

Ah!  
E  
a  
Fé...

Fé  
que é  
luz

la  
da  
Cruz!

Ainda o lindo quadro de João  
Emiliano, que já tínhamos visto  
publicado como de autoria de Ben-  
to Ernesto Junior:

Vem!  
Que  
sem  
ti,

quem  
ri  
bem?  
E

ha  
só  
dor

cá  
ó  
flor!

Este sonetinho, talvez o mais  
lindo que já se fez, só possui 35 le-  
tras, para desmentir a assertiva de  
Medeiros e Albuquerque!

Felício Alves nos trás este qua-  
torzeto:

Vento  
norte,  
lento,  
forte,

que  
vira  
e  
gira!

Dansas  
nas  
franças,

rondas  
nas  
ondas!

O soneto monossilábico dentre o  
setissilabo, o heroico e o alexan-  
drino parece "The Jumping-Jack"  
dos ingleses, nosso conhecido João  
Paulino, figurinha minúscula, ra-  
quítica, em meio aos grandes bone-  
cos... A carta de Horácio aos Pi-  
sões (Arte Poética) não trás exem-  
plos capazes sobre o assunto, da  
mesma forma que a de Aristóteles  
e a de Boileau, a de Almeida Gar-  
ret. Também nesta conta os estu-  
dios de Castilho e os de A. Dorchan,  
em sua "L'art des Vers". Espron-  
ceda, em "Estudante de Salaman-  
ca", parte IV, dá exemplo do verso  
de uma sílaba ao de onze des-  
crevendo após novamente ao de  
uma. Artes poéticas versificatórias,  
A B C poéticos, bosquejo: da His-  
tória da Poesia, elementos de me-  
trificação outros, são omissos no  
assunto. Muratori, em "Della per-  
fetta Poesia", também.

Os mestres brasileiros não nos  
trazem mais assertivas para o ques-  
tionário... Gonçalves Dias em  
TEMPESTADE, abre seu trabalho  
com versos de duas sílabas, elevan-  
do-se até ao alexandrino, e voltan-  
do ao ponto de partida, não inclu-  
indo monossilábicos.

Dificuldade é enfiar em poucos  
versos os grandes pensamentos, em-  
bora, às vezes, uma simples quadra  
encerre um poema, um romance. O  
suelto já declara todo o recado des-  
tinado ao artigo de fundo. O que  
está dito num soneto também po-  
deria ser discutido numa quadri-  
nha... A verdade é que a compo-  
sição do monossilábico é difícil e  
tanto, que muitos a chamam de  
capricho, e não arte. Na feitura de  
tão exdrúxulo metro, se assim o  
podemos chamar, tem-se, per fôr-  
ça, que prejudicar a idéia, amoldá-  
la, torcê-la, reduzi-la, decepá-la mes-  
mo, e isto importa em prejuizo do  
assunto. A espontaneidade se es-  
tióla de certo modo, diante das pa-  
redes apresentadas pela disciplina,  
o que, aliás, é sanado, vez por ou-  
tra, somente pelo acaso... Ven-  
vencendo tais dificuldades, Esdras  
Farias, de Pernambuco, envia-nos  
este conceituado monossilábico:

Cri  
bem  
em  
ti

e  
nem  
vi  
quem

te  
deu  
mais

ais  
que  
eu!

Pesquisásemos árdua, severa-  
mente, e, de certo, contando com  
a sorte, encontraríamos no amplo  
mostrador da poesia, no empório  
da paciência beneditina, na teimo-  
sia artística, que é infinita, maior